

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

SESSÃO TEMÁTICA: COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA: MUTAÇÕES, CONFLUÊNCIAS, LIMITES

Maria Paula Piazza Recena
Mestrado Associado em Arquitetura e Urbanismo UniRitter-Mackenzie

mariapaulapiazzarecena@gmail.com

maria_recena@uniritter.edu.br

Rogério de Castro Oliveira
Mestrado Associado em Arquitetura e Urbanismo UniRitter-Mackenzie
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura UFRGS

rogerio_castro@uniritter.edu.br

rco@ufrgs.br

COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA: MUTAÇÕES, CONFLUÊNCIAS, LIMITES

RESUMO

Tomando como tema de referência o problema da indeterminação da concepção arquitetônica, esta Sessão do IV ENANPARQ discute mutações atuais da noção de composição elementar, introduzida pelo projeto neoclássico de Durand. A adoção redutora de regras ditadas pelo uso das ordens e tipos legados pelo classicismo oferecia certezas hoje esquecidas. Sua reinterpretação no âmbito do projeto modernista, contudo, trouxe novos significados e inaugurou práticas distanciadas da tradição acadêmica do século dezenove. Neste contexto crítico, combinando usos convencionais e inovadores da palavra "composição", a Sessão expõe diferentes modos de recepção do termo, agora, em sua contemporaneidade. Como reconhecer possibilidades de transformação de modelos pré-estabelecidos em novos procedimentos compositivos? Como delimitar um "ponto de mutação" que mantenha reconhecível, na prática, a composição como técnica configuradora de concepção arquitetônica, abrindo-a, simultaneamente, à invenção de novos contextos e territórios da produção edilícia? A busca de respostas a estas indagações descortina novas fronteiras da investigação projetual; as contribuições escritas enviadas ao Encontro descortinam um possível panorama – dentre outros – do "estado da arte" no campo das teorias do projeto arquitetônico. Diante das reflexões enunciadas pelos participantes em suas comunicações, esta rápida resenha mostra aproximações e conexões, bem como distanciamentos e contrapontos. Em seu conjunto, os textos demarcam a amplitude com que a noção de composição se instala no discurso arquitetônico atual, introduzindo deslocamentos e hibridismos que incorporam ao projeto de arquitetura e urbanismo novas operações, ou atribuem a procedimentos já conhecidos na prática cotidiana do ofício novos modos de apropriação teórica.

Palavras-chave: Arquitetura. Composição. Concepção arquitetônica.

ARCHITECTURAL COMPOSITION: CHANGES, CONFLUENCES, LIMITS

ABSTRACT

Taking the problem of the indeterminacy of architectural conception as a referential issue, this Session of the IV ENANPARQ discusses present changes in the notion of elementary composition, introduced by Durand's neoclassic project. The reductionist adoption of rules imposed by the use of classical orders and types offered certainties no longer granted. Nevertheless, its reinterpretation in the frame away of the modernist project brought new meanings and inaugural practices, away from the nineteenth century academic tradition. Amidst this critical context, combining traditional and innovative uses of the word "composition", this Session exposes different modes of reception of the term, now, in its contemporaneity. How to recognize possibilities of transforming established models into new compositional procedures? How to delimit a changing point that keeps composition recognizable, for the architectural practice, as a technique for configuring the architectural conception and at the same time opening it to the invention of new contexts and territories of building? The search for answers to these questions foresees new frontiers of design research; the written contributions sent to the Meeting, together, present a possible panorama – among others – of the "state of the art" in the field of architectural design theories. Before the reflections enunciated by the participants in their communications, this quick review shows approaches and conjunctions, as well as disconnections and counterpoints. Together, the texts demarcate the wide insertion of the notion of composition inside the present architectural discourse, introducing displacements and hybridizations, which bring to the project of architecture and urbanism new operations, or attach to procedures already known in day-to-day architectural practice new modes of theoretical appropriation.

Keywords: Architecture. Composition. Architectural conception.

1. COMPOSIÇÃO: CAMINHOS QUE SE BIFURCAM

Em *El jardín de senderos que se bifurcan*, Jorge Luis Borges concebe uma multiplicidade de tempos que se desdobram em paralelo, assim como coexistem, no percurso da concepção arquitetônica, possíveis caminhos que se abrem lado a lado, propondo constantemente, a quem os percorre, o dilema da escolha. No conto de Borges, o protagonista vê-se na plataforma de uma estação de trem e recebe a instrução de percorrê-la tomando mecanicamente, a cada bifurcação, o caminho à esquerda. A obediência a esta regra o conduzirá a seu objetivo. No entanto, além do objetivo — encontrar a casa de Stephen Albert, à quem irá assassinar— o que o espera é o encontro com o incompreensível livro escrito por seu antepassado Ts'ui Pên: um livro infinito, um labirinto. A narrativa que descreve este labirinto, inserida no contexto de um conto policial, indica tempos paralelos e por vezes sobrepostos ou simultâneos, um caleidoscópio de tempos cujas facetas parecem, ao leitor desavisado, romper a linearidade do percurso e anular o poder orientador da prescrição inicial do conto: tomar sempre o caminho à esquerda. A descrição do livro/labirinto nos faz questionar a própria trama logicamente narrada por Borges, em alguns momentos vista como pano de fundo. O livro de Ts'ui Pên era incompreensível porque ele queria abarcar em sua narrativa todas as versões que sua imaginação poderia simultaneamente conceber. Neste labirinto, o leitor se perdia, pois uma vez iniciada a leitura, já não era mais possível encontrar uma saída, o desfecho de uma história que se multiplicava incessantemente em um sem-número de histórias alternativas. A infinitude do tempo imaginário não cabe, contudo, no tempo vivido da leitura, nem podemos contê-la nos limites concretos da escrita. Para que exista o livro, a obra, é preciso o ponto final.

Esta narrativa pode ser transposta ao andamento da composição arquitetônica, em que a multiplicação de trajetórias igualmente possíveis deixa em aberto o ponto de chegada, por mais que o arquiteto se esforce em seguir algum caminho predeterminado. Neste cenário, o fechamento da composição depende de uma decisão judiciosa que se dá no próprio exercício do projeto, em um momento que se revela na prática, com a adoção final de uma configuração escolhida entre outras tantas, isto é, de um partido arquitetônico animado por uma intencionalidade. Ou então, na falta de conteúdo propositivo, a concepção arquitetônica se subordina, bem ou mal, a algum desfecho arbitrário.

Tomando como pano de fundo as indeterminações da concepção arquitetônica, interessa a esta sessão temática discutir as mutações sofridas pela noção de composição elementar, entre seu surgimento no projeto neoclássico de Durand – em que a adoção redutora de regras ditadas pelo manejo das ordens e dos tipos legados pelo classicismo oferecia certezas – e suas reinterpretações no âmbito do projeto modernista, que incorporam novos significados e

inauguram novas práticas desafiadoras da tradição acadêmica. Encontramo-nos, assim, entre certezas hoje esquecidas — de que não nos perderemos se tomarmos, como no conto de Borges, “esse caminho à esquerda e se em cada encruzilhada do caminho dobrarmos à esquerda” (BORGES, 1942) — e novas práticas desafiadoras que configuram os labirintos da prática que procede por tentativas.

Neste contexto crítico, combinando usos convencionais e inovadores do termo, a Sessão proposta ambiciona inquirir o "estado da arte" da questão, agora, em sua contemporaneidade. Esta exploração coloca duas interrogações iniciais: Como reconhecer possibilidades de mutação de modelos preestabelecidos em novos procedimentos compositivos? Como delimitar um "ponto de mutação" que mantenha reconhecível, na prática, a composição como técnica configuradora da concepção arquitetônica, abrindo-a, simultaneamente, à invenção de novos contextos e territórios da produção edilícia? A busca de respostas a estas perguntas descortina novas fronteiras de investigação projetual.

Assim como a confluência com a ficção literária nos serve de inspiração, na medida em que a própria trama da narrativa também resulta de um percurso similar àquele que o personagem de Borges percorre, este simpósio pretende discutir outras confluências possíveis entre as mais diversas manifestações do fazer artístico e a composição arquitetônica, mapeando limites imprecisos, que se refazem constantemente. Sobretudo, pretende detectar interesses comuns, identificar especificidades e explorar generalizações desses fazeres a modos de operar ativos na concepção arquitetônica. Nesta discussão, espera-se adensar o corpo crítico que instiga a construção de uma teoria do projeto, diante dos caminhos multiformes trilhados pela prática atual da arquitetura.

2. UM QUADRO POSSÍVEL

Dentre as contribuições recebidas por esta Sessão, destacamos as agora reunidas para apresentação oral e posterior debate. Cabe destacar que, além da qualidade acadêmica deste recorte, foi também importante buscar uma relação entre as temáticas propostas, sugerindo possíveis sobreposições parciais, bem como enfoques distintos que permitissem uma problematização do tema maior proposto: a composição arquitetônica e suas mutações, confluências e possíveis limites.

Ressaltamos que as escolhas teóricas aqui reunidas não esgotam o tema e, certamente, o trabalho de tomada de posição diante da grande quantidade de resumos recebidos não nos poupou a tomada de decisões diante de encruzilhadas impostas pela escolha que atendesse à intenção de prefigurar um quadro abrangente do panorama de pesquisas apresentadas,

mas também que indicasse possíveis interesses vinculados a nossas próprias pesquisas, desenvolvidas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*.

Neste panorama, decidimos iniciar com uma abordagem ancorada na reflexão crítica sobre a tradição acadêmica da inserção da composição arquitetônica na formação profissional do arquiteto que, todavia, entende a composição como disciplina aberta à interpretação. Assim abre a Sessão o artigo de Maria Isabel Villac. A partir dele abrem-se possibilidades de discussão do tema e seus desdobramentos, primeiro com as análises de casas contemporâneas indicando transformações do esquema tipológico base/pilotis/mirante inserido na tradição modernista brasileira – em especial, paulista – no artigo de Marcio Cotrim, Ana Elísia Costa e Célia Gonsales. Com enfoque similar, porém abordando a questão de mutações e sobreposições tipológicas em projetos que não se alinham a uma determinada tradição, o artigo seguinte, de Thiago Maso, analisa os projetos da Biblioteca de Jussieu (Office for a Metropolitan Architecture, OMA), da Mediateca de Sendai (Toyo Ito) e da Escola Leutschenbach (Christian Kerez), comparando-os, na proposição do autor, “a seu arquétipo gerador, a *Maison Dom-ino* de Le Corbusier”. Essa comparação abre ainda mais a questão das transformações tipológicas, bem como a põe em relação com a questão programática dos eventos que se incorporam à concepção arquitetônica.

A seguir, o estudo de duas estações intermodais do Metro de São Paulo, apresentado por Luísa Gonçalves, insere a questão dos sistemas de movimento, neste caso funcionando como programa, com as consequentes análises compositivas que dele derivam, desembocando no estudo da composição como mediador entre uma escala metropolitana de intervenção e o projeto arquitetônico. Se esta análise ressalta a solução formal dos projetos das estações intermodais, com o uso do concreto aparente, conferindo-lhes um caráter de tectonicidade alinhado à tradição brutalista da escola paulista de arquitetura moderna, o último trabalho apresentado, de autoria de Luciana Sandrini Rocha e Adriane Borda Almeida da Silva, busca validar compositivamente, por meio de estudos geométricos, a urgente lacuna teórica que a crítica contemporânea tem deixado em aberto em seus posicionamentos quanto a projetos realizados com o emprego de softwares paramétricos. Ao analisar o já tão discutido projeto de Frank Gehry para o Museu Guggenheim de Bilbao, as autoras assumem um posicionamento pessoal, inclusive discordando, em nossa opinião, do próprio autor no que diz respeito ao tratamento de superfície do Museu Guggenheim de Bilbao como alternativa “escultórica”. Esta abordagem retoma, sob o ponto de vista interpretativo, a questão aberta na apresentação inicial desta Sessão.

3. PONTOS DE MUTAÇÃO: PROBLEMATIZAÇÕES

A partir desse breve panorama do quadro apresentado nesta Sessão abrem-se, felizmente, questões que merecem ser discutidas e aprofundadas. Ao propormos uma Sessão Temática sobre Composição Arquitetônica, decidimos enfrentar a própria polissemia do termo na expectativa de que, ao final, se tornasse possível aquilatar melhor como se dá, em nosso meio acadêmico, esta dispersão de enfoques, de modo a renovar interesses e enfoques de nossas próprias investigações através de profícuo contato com colegas pesquisadores.

Assim, cabe apontar possibilidades de prolongamento das abordagens trazidas à discussão, que não deverão encontrar opiniões em uníssono e que merecem ser discutidas. A primeira delas refere-se à ideia de que “a composição no Brasil não tem tradição nos currículos das escolas de arquitetura e urbanismo”, apresentada já na finalização do artigo de Maria Isabel Villac e que merece ser pensada atentamente tendo em vista a tradição brasileira, desde Lúcio Costa, quanto à persistência das referências à composição acadêmica, ainda que geralmente apenas implícita no discurso pedagógico corrente. Embora os currículos de parte dos cursos de mestrado e doutorado abram espaço para esta inserção, é possível afirmar, todavia, que a inserção de estudos compositivos na matriz disciplinar dos cursos de graduação não está sendo suficientemente pensada. Esta constatação indica uma questão da maior relevância neste momento em que a profissão quer explorar novos caminhos para a produção arquitetônica e urbanística. Neste quadro ainda lacunar e tentativo, descolado da prática cotidiana do ofício, podemos conjecturar que a referência à composição arquitetônica possa assumir o papel não prescritivo de um indicador de possíveis percursos.

Um segundo ponto a ser abordado concentra-se nas análises apresentadas sobre transformações tipológicas, que ora são apresentadas desde um ponto de vista convencional, aprofundado por estudos de casos (exemplificado pelo estudo de duas casas contemporâneas paulistas, no artigo de Ana Elísia Costa, Marcio Cotrim e Célia Gonsales), ora sob ponto de vista de novas operatividades (como no Remix Tipológico proposto por Thiago Maso), ainda que estas possíveis operações inovadoras permaneçam vinculadas a procedimentos convencionais, muito semelhantes às operações descritas na análise das casas paulistas. Cabe interrogar, em sentido oposto, levando em conta que as casas paulistas são caracterizadas como arquitetura contemporânea, quais os limites da contemporaneidade diante do uso de procedimentos compositivos ainda ligados às vanguardas modernistas do século vinte, dos quais estas casas poderiam ser consideradas soluções exemplares?

Na sequência de apresentações, a análise das estações intermodais apresenta intrinsecamente a questão do movimento; no entanto, embora de importância central nesta análise, não aborda o tema diretamente. Caberia também perguntar se o movimento, como uma camada da composição arquitetônica deixada encoberta pela representação

convencional – tendo em vista que ela não é geometricamente representável – não mereceria uma abordagem direta, adquirindo caráter central na análise de processos compositivos, implicando a pesquisa sobre novas técnicas notacionais?

Finalmente, ainda que o debate sobre a obra de Gehry incendeie opiniões maniqueístas, o artigo que finaliza as apresentações desta Sessão, apresentado por Luciana Sandrini Rocha e Adriane Borda Almeida da Silva, propõe pertinente discussão sobre um repertório de obras "atípicas" no qual o Museu Guggenheim de Bilbao assume papel emblemático. Esta abordagem quer partir de um patamar neutro como fundamento de uma investigação plausível, capaz de sustentar a construção de uma apreciação crítica, quer positivo, quer negativo, desta e de outras obras arquitetônicas que escapam a classificações baseadas em tipos historicamente definidos. Fica em aberto o problema de como incluir no discurso crítico a questão — muito apontada pelas apreciações que a ela se opõem — da ruptura com noções historicamente referenciadas de contextualização e urbanidade associadas às configurações arquitetônicas e urbanísticas no âmbito da cidade.

O elenco de trabalhos apresentados na Sessão é complementado pela publicação do texto de Gilberto Flores Cabral. A amplitude temática do artigo exige leitura pausada, limitando as possibilidades de contê-la em uma apresentação oral; sua inclusão no conjunto de textos publicados, no entanto, permite descortinar um horizonte de referência para o escrutínio crítico do campo de investigação implicado na teorização sobre o projeto e seus fundamentos.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jorge Luis. *El jardín de senderos que se bifurcan*. Buenos Aires: Sur, 1942.